

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EDNA FRANCISCA ANDRÉ

**REPENSANDO A MINHA PRÁTICA  
PEDAGÓGICA**

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EDNA FRANCISCA ANDRÉ

**REPENSANDO A MINHA PRÁTICA  
PEDAGÓGICA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

### ***Dedicatória***

Dedico este trabalho a minha filha Aline , aos meus irmãos que participaram dessa trama de refletir sobre o passado de minha vida, dialogando com o presente, por estarem perto no momento da escrita e sempre me incentivarem a enfrentar o desafio de trabalhar na Rede Estadual e Municipal – Fumec, estudando à noite, me apoiando nos momentos mais difíceis e comemorando as vitórias a cada dia; às colegas de classe que sempre estavam ao meu lado, principalmente as do meu grupo de estudo: Denise, Elza, Perpétua, Evalda e Francisca ,às Assistentes Pedagógicas que nos orientaram durante as aulas e Coordenadores das disciplinas, que apoiaram durante o Curso PROESF.

OBRIGADA A TODOS.

Edna Francisca André

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me fortalecido e me capacitado durante este período.

A minha família por ter me ajudado a superar os obstáculos surgidos no decorrer do curso.

Ao corpo docente e discente da Faculdade de Educação – Curso de Pedagogia – Proesf – pela receptividade e dedicação a nós dispensada.

Aos colegas de classe , colegas de trabalho e meus alunos por terem participado diretamente da minha formação.

## SUMÁRIO

1 – Introdução.....	09
2 – Passeando no Passado para Entender o Presente.....	10
3 – A Minha Formação Inicial.....	11
4 – Reprovação ou Reflexo de um Golpe.....	14
5 – Tudo tem seu Valor.....	16
6 – Nó no Afeto e na Aprendizagem.....	16
7 – Chegando Próximo ao Cotidiano de uma Escola.....	17
8 – Meu Primeiro Trabalho como Professora.....	18
9 – Uma Proposta Construtivista.....	19
10 – Semeando Valores.....	21
11 – Fládia.....	22
12 – Reorganização do Ensino.....	24
13 – Educação de Jovens e Adultos.....	25
14 – Temas Transversais e Interdisciplinariedade.....	28
15 – Desafio da Informática.....	29
16 – Reflexões.....	30

## INTRODUÇÃO

O fato de estar terminando o curso de Pedagogia do Proesf, na Unicamp, me faz enfrentar esse desafio ,que é escrever um Memorial de Formação. É em meio ao eco do grande barulho que fizeram quando chegamos na Unicamp, que deixo registrado as minhas reflexões. Nós professores em exercício, iniciamos o curso repensando a pratica escolar relacionando-a com os grandes teóricos e as atuais políticas educacionais, apoiados por professores, coordenadores e assistentes pedagógicas do Curso de Pedagogia - Proesf - e vários outros que acreditaram e lutaram para vencer esse grande paradigma.

Campo minado este ao qual pertencemos. Quais os verdadeiros objetivos da Educação ? Quem são os participantes dessa “guerra santa”? Quem são os mortos, e os feridos ? Quais as armas que dispomos para essa guerra? Quem está subsidiando esse combate ? Enfim, perdedores ou ganhadores?

Pisar nesse campo minado, somente precisou de um sim, sem escolher companheiros de batalha, sem escolher armas, lutando com as que tínhamos em mão, construindo algumas, às vezes sendo professora, soldado, médica, psicóloga , amiga, tia, artista... para enfrentar esse desafio que é alfabetizar , ajudar alguém na construção do seu conhecimento e tornar um cidadão participante , conhecedor dos seus direitos e deveres na sociedade onde vive.

Dezoito anos se passaram, eis me aqui !

Para escrever esse memorial, aceitei o convite de Roseana Murray:

## RECEITA DE OLHAR

Se olhe de frente  
De lado  
De cabeça para baixo  
Pinte o espelho  
De azul, dourado, vermelho  
Faça careta,  
Ria Sorria  
E se veja  
Feche os olhos, abra os olhos  
E se veja sempre surpresa  
Quem é Você ?

## PASSEANDO NO PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE

Nasci no Estado de Minas Gerais, na cidade de Três Corações , na zona rural, onde vivi até o cinco anos de idade. Sou a quarta filha de uma prole de onze da família André . Por ser a mais ``miudinha``, era muito paparicada pelos meus pais, tios e avós.

Meu pai trabalhava em uma fazenda de café , "Fazenda das Posses em Três Corações" e à noite ,transformava a sala de minha casa em sala de aula ,ensinava meus irmãos e pessoas que moravam perto, a ler e escrever. Sabem, nunca ninguém perguntou-lhe qual era seu método , material pedagógico que utilizava ou qual a sua ideologia. Eu ainda muito pequena observava tudo, aquele gesto solitário, que mesmo sem falar ,ele dava o seu grito de protesto e fazia a sua parte. No estado de Minas Gerais as crianças não eram diferentes, trabalhavam desde muito cedo para ajudar no sustento da família e escola era artigo de luxo.

No decorrer do curso , tivemos momentos de reflexão sobre a exclusão social, trabalho infantil e outros temas que fazem da terra adorada um campo minado, que aparece nas estatísticas sobre Educação como sendo os únicos

fatores do fracasso escolar ou quando mudam os governantes explodem como verdadeiras bombas.

Em 1964 viemos para o Estado de São Paulo. E a primeira coisa que percebemos é que havia escolas na cidade de Jarinú e no bairro onde fomos morar. Lá, estava feliz novamente junto aos meus familiares, envolvidos em plantações de verduras e uvas.

Sempre que via os adultos conversando sobre coisas passadas, eu sempre tinha alguma coisa para contar e minha avó dizia a minha mãe:

- Nega, toma cuidado, essa menina tem uma memória de elefante!

Não entendia essa fala , somente agora que percebo o quanto eu consegui reter em minha memória. Infelizmente não retemos somente fatos bons, mas inconscientemente fazemos uma seleção dos fatos que queremos narrar, enquanto outros ficam fechados a sete chaves.

Hoje, depois de ler muito sobre memórias e estar fazendo o meu memorial de formação, vejo a memória como uma grande casa ,cheia de cômodos, com pisos de materiais variados: de madeira , vidro, pedra ,gelo e até mesmo fogo. Quando abro a porta de cada cômodo, às vezes sinto calor, frio, dores, palpitação. Em alguns ambientes quero ficar sempre mais tempo, outros saio correndo e em outros nem entro , quem sabe um outro dia, ou em outra oportunidade ?

## A MINHA FORMAÇÃO INICIAL

“Escolinha do Bairro”, esta foi a minha primeira escola, onde aprendi ler e escrever, conhecer valores que até então não tinham significados para mim, como: Mulheres que estudavam e votavam, as pessoas separadas pela cor da sua pele, pelo modo de se vestir , etc.

Fiz as quatro primeiras séries nessa escola, período em que convivi com pessoas que tiveram grande participação em minha formação entre elas a minha primeira professora, que puniu-me severamente por ser mineira, fazer o número um ao contrário e ainda com a mão esquerda.

Relembrando este momento, que senti o quanto dói a discriminação, sobe um fogo pelo rosto, uma combinação de ódio e lembrança da fragilidade de uma criança frente a um adulto monstro (foi o que ela representou para mim naquele momento).

Sofri muito com isso, pois tive que aprender a escrever com a mão direita. Mas como depois de uma noite de choro, a alegria sempre vem pela manhã. Na quarta série tive o prazer de conhecer uma professora muito querida, que me incentivou a continuar os estudos. Juntas convencemos meu pai que seria importante fazer o exame de admissão para fazer o curso ginásial em Jarinú.

De um grupo de dez alunos da quarta série ,somente três iriam prestar o exame de admissão.

A professora nos preparou pedagogicamente e emocionalmente para aquele dia. Valeu o esforço, passei entre os três primeiros colocados naquele exame.

Com os resultados do exame de admissão para o curso ginásial , tudo que fazia parte de minha infância foi guardado em um baú bem forte e amarrado com laços de esperança de me tornar uma pessoa adulta e vencer todos os obstáculos encontrados .

Obstáculos esses que eram desde vacas no meio da estrada, até moradia na cidade de Jarinú, pois eu morava em um sítio a cinco quilômetros de distância . Mais uma vez minha professora entrou em ação, arrumou lugar para eu dormir e estudar à noite. Ela parecia conhecer os escritos e pensamentos de Paulo Freire, os quais eu gosto muito e procuro pôr em prática , sobre como deve ser uma escola:

#### A ESCOLA

Escola é...  
O lugar onde se faz amigos  
Não se trata só de prédios, salas, quadro, programas, horários, conceitos...  
Escola é, sobretudo, gente,  
Gente que trabalha, estuda,  
Que se alegra, se conhece, se estima.  
O diretor é gente ,  
O coordenador é gente, o professor gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.  
E a escola será cada vez melhor  
na medida em que cada um  
se comporte como colega, amigo, irmão.  
Nada de ilha cercada de gente por todos lados.  
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir  
que não tem amizade a ninguém  
nada de ser como o tijolo que forma a parede,  
indiferentes, frios, só.  
Importante na escola não é estudar, não é só trabalhar,  
É também criar laços de amizades,  
É criar ambiente de camaradas,  
É conviver é de “amarrar nela” !  
Ora, é lógico...  
Numa escola assim vai ser fácil  
Estudar, trabalhar, crescer,  
Fazer amigos, educar-se,  
Ser feliz.

Paulo Freire

Sou educadora, em que parte deste poema encaixam as escolas onde trabalho ? E as minhas práticas ? Conhecemos varias metodologias, vários tipos de currículos , leis que regem a Educação Brasileira e experiências vivenciadas , fizeram parte das nossas leituras e debates durante esse curso, contribuindo para o enriquecimento de nossa formação.

Vale ressaltar que a formação é individual , mas não depende somente do interesse de cada um. Ela depende da situação social, econômica e política do meio em que o indivíduo está inserido.

#### REPROVAÇÃO OU REFLEXO DE UM GOLPE ?

A Escolinha do Bairro se resumia em 1 classe, uma área onde fazíamos "a hora do lanche " e os banheiros que ficavam fora da Escola. A sala era multisseriada e funcionava em dois períodos. A professora fazia o possível para atender a todos os alunos, as séries eram divididas por fileiras de carteiras.

O único material pedagógico que a professora utilizava eram 3 quadros negros, giz, alguns paradidáticos comprados por ela e as cartilhas compradas por alguns alunos. Sentávamos em duplas, as aulas eram sempre expositivas, com muita ortografia e decoreba, com algumas brincadeiras no pátio, uma horta com um chão muito duro, era onde os alunos plantavam algumas verduras para enriquecer a sopa na hora do lanche.

O ano letivo transcorria normalmente, somente a professora, alunos e alguns pais faziam parte do cotidiano daquela escola.

No final do ano, quem realizava os exames, ou a prova final, era o diretor da única Escola Estadual da cidade existente na época, em que todos os alunos ficavam em fila na área esperando a vez de entrar na sala de aula para fazer o exame, que era um ditado de algumas palavras e algumas frases; em seguida os alunos eram chamados pelo nome e dispensados do restante da prova, isso significava a reprovação do aluno na série.

Lembro - me que meu primo Paulinho, como era repetente, sempre que ouvia o seu nome sendo pronunciado pelo diretor, saía correndo e ficava de longe atirando pedras na escola em sinal de protesto à reprovação. Era grande o número de crianças reprovadas por aquele método.

Refletindo sobre esses acontecimentos, me reportei para os escritos de Luis Carlos Freitas, Dermeval Saviani e Bourdieu, os quais lemos e debatemos durante o curso sobre Avaliação.

A Avaliação em um sentido amplo é uma atividade que faz parte da vida humana e está presente no cotidiano dos indivíduos.

Os modelos de Avaliação vigentes são derivados do liberalismo. Para compreendê-los, deve-se considerar sua ética, sua epistemologia e seus efeitos políticos. Ela adquiriu grande importância no mundo capitalista.

Iniciei o ( primário ) ensino fundamental em 1967, três anos depois do golpe de Estado, terminei em 1974.

Durante esta época a educação era vista com subversão. Os educadores e interessados pela educação estavam se organizando em defesa da qualidade e gratuidade da educação popular. Sofreram a repressão política;

todos os professores ou candidatos ao magistério eram considerados suspeitos de subversão até que mostrassem o contrário.

O sistema Paulo Freire era o grande achado da época.(CUNHA e GOES,1985, p.21).

## TUDO TEM SEU VALOR

Para ingressar na quinta série , prestei exame de admissão e participei da primeira turma do ginásial da cidade de Jarinú. A turma era composta por gerente de banco , farmacêutico, enfim eu era a mais nova da turma . As disciplinas eram todas fragmentadas, cada uma com o seu super peso para a conclusão daquele curso. Até as pregas do guarda - pó branco ,o short vermelho com camiseta e saia pregueada valiam nota.

Estudei muito, mais gostava de tudo : desde a linha de Greenwich do professor de geografia, as expressões numéricas da professora de matemática que eu não entendia onde iria usá-las , aos bordados feitos em juta e os quadros pintados com tinta óleo orientados pela professora de educação artística. Terminei o Segundo Grau nessa Escola.

Nessa época ,a escola ficou em uma cor cinza chumbo, sem muita importância, pois foi em janeiro de 1974 que minha mãe morreu. Provei do amargo, com apenas quinze anos de idade tive que assumir sete irmãos menores juntamente com meu pai .Tive que aprender de tudo um pouco, sem tempo para dizer não ou até mesmo chorar. O que isso tem a ver com prática escolar? Contarei logo a seguir.

## NÓ NO AFETO E NA APRENDIZAGEM

Quando minha mãe morreu, meus irmãos freqüentavam as séries iniciais na mesma escola que estudava. Eles não queriam freqüentar as aulas. Choravam muito, quando iam para a escola, dormiam o tempo todo na carteira. Muitos bilhetes e reclamações chegavam em minha casa. Foram castigados, não porque choravam, mas sim porque não faziam as atividades que as professoras mandavam. Se os professores conhecessem as teorias de Wallon, eles saberiam o que fazer, pois ele pretendeu fazer a psicogênese da pessoa completa, nos planos afetivo, cognitivo e motor. Ele não estava apenas preocupado com a questão da inteligência ou da afetividade, mas com a pessoa no conjunto. O tempo foi passando, acredito que a dor foi abafada pela opressão, não foram os melhores alunos, mas cumpriram o currículo “acadêmico” daquela escola. Hoje são profissionais bem sucedidos e prontos para protestar quando vêem crianças serem tratadas como tal.

## CHEGANDO PRÓXIMO AO COTIDIANO DE UMA ESCOLA

Em 1976, prestei um Concurso na Prefeitura Municipal de Jarinú, para ocupar o cargo de Orientadora da Alimentação Escolar do Município e fui aprovada. Nesse cargo, fazia pesquisas com os alunos, concursos sobre merenda, horta, e dava aula para as merendeiras, desde boas maneiras até como fazer a merenda.

A partir desse dia passei a ter uma relação direta com escolas, alunos e merendeiras, fiquei interessada pelo ensino de modo geral. Queria entender

mais da prática de lecionar e em Jarinú não tinha Curso de magistério, meus irmãos precisavam de trabalho e lá não tinha serviço para eles. Então, em 1978, largamos tudo e mudamos para Campinas, que parecia ser uma cidade promissora .

Chegando aqui , não escolhi serviço, trabalhei em lojas, escritórios e fábricas, pois queria fazer o Curso de Letras na PUC - Campinas.

Foram grandes desafios, estudar em uma Universidade particular e trabalhar, não terminei. Fiz a complementação para o magistério ,pois já tinha o segundo grau e fui lecionar.

#### MEU PRIMEIRO TRABALHO COMO PROFESSORA

Em 1987, comecei a dar aula para uma classe de 2<sup>a</sup>- série reagrupada. Os alunos eram separados por níveis de aprendizagem e disciplina.

Estava cheia de esperança com aquela turma. No primeiro dia tudo foi maravilhoso, a apresentação na roda de conversa, as brincadeiras etc.

No segundo dia fiquei conhecendo um pouco mais daqueles alunos, crianças lindas, aparentemente saudáveis, começaram a brigar na fila, chutes, pontapés, saíam para todo lado.

As inspetoras correram prontamente para socorrê – los. Depois do ocorrido, a diretora comunicou – me que aquela classe era de crianças indisciplinadas e que já havia passado várias professoras por ela, sem sucesso.

Mesmo assim fiquei. E as aulas planejadas tinham que ser mudadas constantemente.

Um dia cheguei e estavam todos muito calmos me esperando, fiquei surpresa, pois não era comum. Nessa época estava grávida.

Entramos para a sala de aula, notei que um dos alunos estava sentado na última carteira. Quando comecei fazer a chamada, caiu uma cobra verde em cima da minha mesa, era de plástico, mas o susto foi muito grande.

A partir daquele dia, a escola tomou providências para atender aquela classe, veio uma psicóloga da Delegacia de Ensino para avaliar e atender aquelas crianças. Foi criada naquela escola uma sala de Educação Especial com uma especialista e eu continuei na escola, com outras disciplinas do “famoso picadinho”, cada dia estava numa sala. Foi bom para mim, pois tudo que veio depois era suave e fácil de resolver. Algumas crianças foram distribuídas em outras salas de 2<sup>a</sup>- série.

Naquela época a indisciplina, repetência e evasão já eram objetos de estudos. Eram apontadas como um dos fatores do fracasso escolar.

O tempo passou, mudei de escola e conheci outras classes, outras crianças, mas os problemas enfrentados na Rede Estadual eram sempre os mesmos.

Segundo os PCNS, de 1981 a 1992 houve uma melhoria nos índices de promoção. Durante esse tempo surgiram cursos de preparação de professores, políticas novas para atender as crianças que não conseguiam êxito na aprendizagem e novas propostas pedagógicas.

## UMA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA

Emilia Ferreiro não poderia imaginar a revolução que iria fazer nos pensamentos calcificados de alguns professores.

Estava na coordenação de uma escola estadual, onde o sistema vigente na época era jornada única.

Quando a proposta Construtivista foi divulgada, o pânico foi geral.

Como deixar o Beabá de tantos anos? Por onde recomeçar? Método analítico ou sintético?

Segundo Ferreiro e Teberosky, tradicionalmente, conforme a perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de método.

A preocupação dos educadores tem se voltado para a busca do melhor ou mais “eficaz” deles, levantando – se, assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos analíticos que partem da palavra ou de unidades maiores.

Tivemos algumas professoras doentes. Fomos buscar ajuda nas palestras, na Diretoria de Ensino e até mesmo na Escola Comunitária (particular) que já estava mais a frente no novo método.

Enquanto os professores procuravam entender o “novo”, deixavam de lado o que sempre tinham feito, que era a alfabetização tradicional.

Eu acredito que o “novo” não anula o “velho”. O saber “novo” , desestabiliza , gera conflito até que acontece uma rejeição ou uma ruptura com o saber “anterior”.

Tais fatos trazem conseqüências notáveis à educação. Temos jovens que não lêem e escrevem ou escrevem com muitos erros ortográficos. Certamente que esse fator não é um único, mas teve grande peso na aprendizagem.

Hoje aparenta ser caso superado que houve estudos sobre os métodos de aprendizagem que podem ser utilizados com crianças e adultos, mas quando nos reunimos para debates, podemos ver que a problemática continua.

Para mediar uma aprendizagem, devemos estar com a atenção voltada para a identidade dos alunos, sua cultura e conhecimentos e escolher o método ou os métodos que melhor atendam às suas necessidades.

## SEMEANDO VALORES

Em 1990, minha filha estava com três anos de idade e precisava dos meus cuidados. Então mudei de escola. Vim para uma escola no Parque Universitário em Campinas.

A escola funcionava com 4 períodos, pois o bairro estava em expansão, somente as 1<sup>a</sup>- séries tinham período normal de aula. Os demais períodos eram reduzidos para atender a demanda.

Trabalhava sempre com as 1<sup>a</sup>- séries, e quando via as crianças aprendendo a ler e escrever, ia me apaixonando cada vez mais.

Este foi um período muito bom na minha carreira, todos os projetos que planejávamos davam certo.

Trabalhava com música, representações teatrais, leitura infantil...

Os pais colaboravam para o processo de aprendizagem dos alunos.

Nosso trabalho era coletivo e havia disposição das professoras para desenvolver os projetos.

“O aluno não é uma coisa, não é um número, ele é um ser humano, tem história”. À medida em que a educação é afetiva, o professor tem de conhecer o aluno, saber o nome dele. Um aluno portador de qualquer necessidade especial tem de estar na mesma sala de aula com outros alunos, não deve ser segregado, discriminado. Quando a educação é afetiva, o respeito pelo outro deve prevalecer. (CHALITA, 2005 )

Existia um amor muito grande pela escola, pelos alunos, entre os funcionários.

Não havia distinção entre a vida pessoal e profissional.

Tínhamos problemas com evasão escolar, alguns casos de indisciplina, alunos carentes, segurança. Mas tudo era resolvido no coletivo.

Segundo PARO, 2001,p.114) se estamos convencidos da relevância social da escola, é preciso afirmar seu compromisso com a qualidade dos serviços que presta, ou seja, com a eficiência com que ela alcança seu fim específico, que consiste na apropriação do saber pelo educando, não na capacidade deste para tirar notas ou responder a provas e testes...”

Lembro-me que trabalhei com uma 2<sup>a</sup>- série reagrupada, não esqueço nenhum dos rostinhos que olhavam para mim esperando que fizesse alguma coisa por eles, alguns já estavam há vários anos na mesma série, outros tinham algum tipo de deficiência, outros tinham vindo de outros estados com sérios problemas de desnutrição.

## FLÁDIA

Entre eles, tinha a Fládia, 8 anos, linda, olhos brilhantes.

No primeiro dia, estávamos nas apresentações, perguntei o seu nome. Ela não respondeu, seus lábios ficaram roxos, ela tocou de leve o braço de uma colega para falar por ela. Então fiquei sabendo que a Fládia não conversava com ninguém, somente com um irmãozinho.

Foi um desafio para mim, busquei forças em Deus, pois ela não era muda, estava traumatizada pela morte do avô.

Não sabia sinais de libra, e ela não estava alfabetizada. Tudo que explicava ela olhava atentamente, todos os outros alunos participavam da aula, menos ela. Quando era chamada para ir ao quadro, chorava e precisava ser levada pela amiga ao banheiro.

A mãe procurou ajuda, mas não resolveu.

Nós dávamos muito amor e atenção a ela . Depois de muita insistência, a Fládia começou a brincar, sorrir, bater palmas, mas não falava, ela estava mais segura.

As atividades eram sempre feitas em grupos, para sua melhor aprendizagem. Terminou a 4<sup>a</sup>- série com outras professoras, sem se comunicar verbalmente.

Alguns dias atrás, fiquei sabendo que a Fládia voltou a falar, terminou os estudos e vai se casar.

Lembro – me de uma frase de Anísio Teixeira que li em uma de minhas agendas que dizia: "A finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida". Assim entendo que naquele momento eu não tinha receita de como

ajudar a Fládia, mas que antes de ser aluna, ela era um ser vivente e que precisava de afeto, compreensão e carinho.

## REORGANIZAÇÃO DO ENSINO

Em 1995, com a reorganização do ensino, tivemos que mudar de escola. Havia sido construído uma escola bem pertinho da nossa com estrutura para 2º- grau.

Nessa época, estava na coordenação, tivemos que ir para a escola sem cadeira, sem mesa, somente com o prédio lindo e maravilhoso e muito grande.

Enquanto esperávamos a criação da escola, as crianças estudavam sentadas em almofadas.

Ficava uma supervisora da diretoria para nos auxiliar até chegar os novos funcionários da secretaria, cozinha, etc.

Minha irmã Roselene trabalhava na mesma escola como estagiária; quando chegava a tarde tínhamos que dispensar os alunos do último período e fechar a escola.

O tempo passou e foram chegando os móveis, os funcionários e a escola foi tomando forma.

Em 1996 tivemos a ilustríssima presença do governador Mário Covas inaugurando a E.E.P.G. Professora Conceição Ribeiro.

Hoje a escola acolhe a todos daquela região, é uma escola muito grande, já foram construídas mais 4 salas, somando um total de 12 salas de aula, sala de vídeo, biblioteca, pátio, cozinha e quadra.

A cada ano que passa, uma melhoria é feita para atender a demanda.

A escola é toda pintada na cor amarela e com as portas azuis. Nas paredes foram feitas por um ex-aluno, reproduções de quadro de artistas famosos para serem trabalhados com os alunos.

Segundo Paro (2001,p.91) “adequar-se ao usuários não significa “baratear” conteúdos, mas sim colocar-se em consonância com as características e com os reais interesses (imediatos e estratégicos) da população a que se destinam”.

Faz parte da minha prática o desenvolvimento de projetos que visam atender as necessidades dos alunos, como por exemplo:

- Civismo na escola: Todas as sextas-feiras, depois do Hino Nacional, as crianças tem um espaço livre para expor suas criatividadeas artísticas e musicais.
- Prevenção também se ensina: projeto desenvolvido na sala de aula para trabalhar Ética e valores através de leitura, escrita, dramatização, etc.
- E vários outros: Pete, Proerd, Reforço, Vídeo, etc.

## EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

“Ai de nós, educadores, se deixamos de sonhar sonhos possíveis.(...)”

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história de seu povo, que conhecem o seu aqui e seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam.” Paulo Freire ,1996.

Desde 1992, também faço parte deste mundo. Sou professora efetiva da Fumec.

Já lecionei em várias unidades da Fundação Municipal para Educação Comunitária - Fumec, que funciona sempre em local cedido por escolas ou sede de bairro.

Os verdadeiros excluídos, excluídos do direito de ter uma infância, excluídos de participarem de uma escola na idade normal, excluídos dos seus direitos que não foram ensinados a reivindicá-los e com inúmeros deveres para serem cumpridos.

“Como educador preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político - pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feita. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença do mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo leitura do “mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”. (Paulo Freire, 1996)

A minha classe é composta por senhoras com idade a partir dos 38 anos até aos 76 anos, dois jovens com necessidades especiais o Matheus com 23 anos e a Kelly com 21 anos.

A unidade da Fundação Municipal para Educação Comunitária – FUMEC funciona em uma Sociedade Amigo de Bairro ( uma casa da COHAB).

Para o adulto, a escola, por menor que seja, mais desprovida de recursos que esteja é sempre bela. Já dizia o filósofo Sócrates, a verdade é tão atraente e bela que impulsiona o desejo de possuí-la.

Eles vêem o conhecimento como coisas purificadoras, que envolvem renúncias e sofrimento.

A escola, portanto é como um altar de sacrifícios e ascensões.

O adulto tem que vencer vários obstáculos para chegar até a escola: o medo da discriminação, os traumas da infância, a imposição da família, o cansaço e até mesmo a dificuldade de caminhar ( no caso dos deficientes físicos).

Nós educadores temos que fazer da escola um lugar agradável, gostoso, atraente e da aprendizagem, um prazer.

Emília Ferreiro é uma pesquisadora que tem contribuído muito para o nosso trabalho ( pesquisou sobre sociopsicogenese da Língua Escrita).

É graças a trabalhos como dela que hoje nós podemos alfabetizar as pessoas respeitando as idéias que elas têm sobre o que é escrever e como se escreve, o que é ler e com se lê.

A FUMEC tem fornecido Curso de Formação que tem nos auxiliado na nossas práticas em sala de aula. Existem pessoas interessadas na Educação de jovens e adultos que trabalham incansavelmente para que esse trabalho tenha êxito , fazendo registro das práticas desenvolvidas em sala de aula ,divulgando as bibliografias, pesquisas e escritos sobre a educação de adultos no Brasil, para usarmos como subsídio.

Por outro lados vemos também a Alfabetização de Jovens e Adultos servindo de linha de frente para campanhas políticas ,porque é uma das necessidade da classe popular e movimentos voltados para questão ajudam na conquista do eleitorado. Segundo Paulo Freire é difícil mudar, mas é possível.

É importante lembrar que a questão é social e mesmo fazendo parte de uma ideologia do poder dominante, nós educadores temos que nos tornar

cada vez mais competentes e ter a certeza que o conhecimento gera transformação.

## TEMAS TRANSVERSAIS E INTERDISCIPLINARIEDADE

No transcorrer do Curso fizemos leituras e reflexões sobre os escritos do professor Dr. Ulisses F. Araújo, os PCNs, Rubem Alves, sobre os temas transversais e a interdisciplinariedade.

A partir dessas reflexões, posso dizer que a Educação de Jovens e Adultos sempre teve no caminho certo, o da interdisciplinariedade.

Os temas trabalhados em sala de aula são escolhidos pelos alunos e ordenados de acordo com as necessidades da turma.

Os projetos desenvolvidos também seguem a interdisciplinariedade, eles são modificados na medida em que vão acontecendo.

Segundo ARAÚJO (2003,p.69),”entender o projeto como uma estratégia traz o projeto com uma nova perspectiva para o trabalho pedagógico, pois, a partir de representações prévias sobre os caminhos a serem percorridos, incorpora, por exemplo, a abertura para o novo; a perspectiva de ação voltada para o futuro, visando transformar a realidade; e a possibilidade de decisão, escolha, apostas, riscos e incertezas”. Tais afirmações vem ao encontro do que acontece na minha prática. Na sala de aula nós temos alunos em vários níveis de aprendizagem e todos participam do mesmo projeto; e as atividades é que são diferenciadas, para atender as necessidades de cada um.

Com base nessas reflexões e minha vivência na área de educação, posso afirmar que a Transversalidade e a interdisciplinariedade não são totalmente aceitas, pois vemos na Universidade que nas escolas as disciplinas são fragmentadas, e o que prevalece é o currículo acadêmico.

## DESAFIOS DA INFORMÁTICA

Quando iniciei o Curso de Pedagogia – Proesf- tive o meu primeiro contato com os computadores e a linguagem universal, a internet, com apoio da professora Simone e o professor Sérgio Amaral.

Tivemos informações sobre o funcionamento do computador e a oportunidade de leitura e debates de textos sobre a importância da tecnologia.

Segundo VIANNA,(2003, p.130) a tecnologia chegou para melhorar as nossas atividades diárias como: utilizar um banco, fazer uma comida, comunicar-nos, etc.

A partir dessas reflexões, posso dizer que a tecnologia vem para favorecer aos cidadãos que têm acesso a ela, ou participa indiretamente desses benefícios.

Com os avanços tecnológicos, sabemos que houve a exclusão tecnológica, algumas máquinas substituindo o trabalhador em favor de uma maior produção.

O ser humano que não consegue atualizar-se, ou seu poder aquisitivo não permite que alcancem os recursos tecnológicos, estão excluídos.

A tecnologia é usada pela classe dominante para influenciar a população e impor seus padrões de vida.

Os estudos feitos no Curso nos alertou quanto ao uso de filmes na sala de aula.

Devemos levar a criança ao questionamento sobre o que assistimos, qual a influência em nossas vidas.

## REFLEXÕES

“ Nunca fazemos bem alguma coisa , enquanto não paramos para pensar numa maneira de fazê-la”. ( Willian Hazlitt escritor inglês- 1772- 1830)

O movimento que um curso faz no nosso pensar e agir é coisa que vai acontecendo aos poucos . Na medida em que estivemos precisando de uma determinada informação que foi internalizada ela vem à memória.

O homem é um ser racional, vive em sociedade. A sociedade é governada por uma minoria dominante que impõe seus padrões, com o objetivo de mostrar para a classe popular que a educação é importante, mas vence quem veste a camisa do capitalismo e quem não tem capital , tem que sujeitar-se às políticas compensatórias ( bolsa escola , vale gás, etc).

Segundo Demo (1991), não é ideal social ser assistido com menos que seja inevitável. Uma sociedade se faz de sujeitos capazes, não de objetos de cuidados.

O Brasil é um país que está tentando caminhar nos moldes internacionais. Esse processo exige a tentativa e desenvolvimento de padrões culturais modernos, que geram problemas étnicos, culturais e socioeconômicos.

Essa tentativa de mudança de padrões e desenvolvimento aumenta a desigualdade social, gerando o desemprego e violência. Estamos vivendo na Era da Globalização em um país Capitalista ,governado pelo BANCO MUNDIAL, FMI e UNESCO, que priorizam a formação técnica( formação do capital humano).

A educação brasileira recebe orientações técnicas do BANCO MUNDIAL, que não financia totalmente a educação, gerando a crise educacional.

Com base em PHILIPPE ARIES,(1981) sabemos que a criança pequena era vista como objeto ou animal de estimação na sociedade e que somente depois do século XVII, a escola foi vista como meio de educação.

Desde então, a História da Educação tem passado por vários momentos de lutas e desafios, juntamente com os educadores. Enquanto a educação enfrenta seus momentos de crises, os educadores lutam para serem reconhecidos profissionalmente.

Tem sido temas de estudos e debates na Educação: a Exclusão Social e Educação Especial, dentre outros.

Sabemos que todo cidadão tem direito à educação, porém, nem sempre esse direito é respeitado. E quando isso acontece, é em instituições que não possuem estruturas físicas e pedagógicas adequadas.

Muitos alunos especiais estão sendo incluídos em salas de alunos considerados “normais” sem que haja ao menos uma preparação prévia ( e menos ainda contínua) do professor.

As famílias, sem terem o profundo conhecimento do assunto, acabam se contentando com uma inclusão onde a qualidade deixa de ser prioridade.

Atualmente alunos com necessidades especiais, pobres, negros, índios, nordestinos, etc, estão fazendo parte da exclusão social.

A discriminação e o preconceito, correm fervente nas veias de muitos e ficam encobertos pelas políticas compensatórias como sistema de cota nas Universidades, Bolsa Escola, etc.

A nossa prática educativa tem que ultrapassar essas barreiras. O que desejamos é uma melhor qualidade de vida. Para ser mediador entre o educando e mundo, a aprendizagem tem que ser muito mais que decodificar e traçar símbolos. Ela não pode ter cor, raça e gênero, nem fim e deve ir além dos muros da escola.

Sendo assim, conseguiremos desarmar as minas e não ter mortos e nem feridos nessa “Guerra Santa”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ulisses F. Temas Transversais e a Estratégia de Projetos. Campinas: Editora Moderna, 2003.

CUNHA, Luíz Antônio & GOES, Moacyr de. Brasil os Anos de Autoritarismo. Análise, Balanço, Perspectiva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

DEMO, Pedro. Política Social, Educação e Cidadania. Campinas: Papyrus, 1994.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação. Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

FUMES, Neuza de Lourdes Frederico. O papel da Escolarização e de Mediadores Externos na memória de crianças portadoras de deficiência mental. Dissertação de Mestrado Santa Rita , R. S. – Brasil ,1995

KRAMER, Sônia & SOUZA, Solange Jobim e. História de Professores: Leitura, escrita e pesquisa em educação. (Orgs) São Paulo: Editora Ática ,1996.

MARQUES, Mário Osório & CORAZZA, Sandra Mara & SILVA, Daisy Maria Barella da & OLIVEIRA, Valmir de. 4 vidas, 4 estilos, a mesma paixão. Ijuí, Editora Inijui, 1999.

NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço. Memórias :Professores partilhando suas histórias. (Orgs) .Campinas- SP:FE, 2004.

PARO, Vitor Henrique. Gestão Democrática da Escola Pública. São Paulo. Editora Ática, 1997.

SILVA, Conceil Corrêa da & SILVA, Nye Ribeiro. A Colcha de Retalhos. Ilustrações: Semíramis Paterno. São Paulo Editora do Brasil S/A, 1995.

VIANNA, Irene Solano. O Futuro Chegou .In: Ciências e Tecnologia em Debate – São Paulo: Moderna, 2003.